

De que Desenvolvimento Regional o Amazonas Precisa? III

Nilson Pimentel (*)

É recorrente no âmbito das instituições públicas e privadas no estado do Amazonas se discutir os mesmos entendimentos há tempos, sobre fatos e realidades que se encontram em determinadas situações que se impõem à economia estadual, quer nas questões que envolvem as atividades dinâmicas do Polo Industrial de Manaus (PIM), quer nas questões que envolvem o abandono e estagnação econômica que se encontram os Municípios amazonenses.

Para alguns economistas voltados às áreas do Desenvolvimento Econômico Regional (DER), constatam que, enquanto outros discutem questões e caminhos à Quarta Revolução Industrial, no Amazonas a visão e o foco dessas discussões ainda estão no século passado ou com entendimento que já não cabe na realidade econômica que se impõem na Economia do século XXI, com um prisma mais avançado dos conhecimentos científicos, tecnológicos e inovativos e que nos permite um pensar maior à realidade e grandeza que o estado do Amazonas poderá representar ao Brasil e ao mundo.

Ou se muda a mentalidade e a antiga abordagem patrimonialista do passado ou os próximos 50 anos não nos servirão para as mudanças necessárias ao desenvolvimento econômico desse imenso espaço territorial que se quer para fixar o homem amazonense em seu hiterland.

Mudança na metodologia de abordagens dos problemas que incorre à economia amazonense não depende somente do esforço e atitudes de determinadas instituições privadas ou de profissionais isolados, mas essencialmente da vontade política do governante da hora, de realizar a transformação econômica que o Amazonas necessita. Haja coragem, arrojo e determinação de que pensa e projeta um futuro promissor para o Amazonas e sua população.

Passa-se o tempo e o que se tem deixado por fazer é um imenso passivo nesses últimos 50 anos do projeto Zona Franca de Manaus, questões que ainda assombram a todos, nesse torrão de Ajuricaba, tais como:

- a adoção de Planejamento Econômico Estratégico para o Estado do Amazonas;
- estudos para conhecimento do Perfil Econômico de cada Município;
- elaboração de Programa e Projetos para Desenvolvimento Econômico Regional;
- aproveitamento econômico dos Recursos Naturais, os potenciais regionais;
- o aproveitamento racional dos recursos de P&D;
- questões e resoluções de problemas no estabelecimento de PPB (processo produtivo básico), os quais impactam negativamente a atração de novos investimentos externos produtivos diretos;
- total falta de autonomia da Superintendência da SUFRAMA;
- total ausência de premissas para remodelagem do modelo, e demais questões políticas e reformas nacionais e regionais, dentre tantas;
- reestruturação modelar da organização pública do Estado do Amazonas.

Não obstante assim, o total desprezo dos governantes do Amazonas, que passaram e não se decidiram sobre o estabelecimento e adoção de Planejamento Econômico Estratégico, que possibilitasse programas e projetos para desenvolvimento econômico estadual, que interiorizasse o processo econômico positivo que já sedimentado na capital-estado Manaus, o qual possibilitou fortalecer o erário público estadual amazonense, transformando a capital nessa Metrópole caótica que se vive hoje.

Para aqueles especialistas em DER, entendem que esses processos sejam de abordagem científica multi-transdisciplinar, específicos no trato de cada segmentação distinta, haja vista o espectro que causa quando de suas discussões e formatações em ações de implementação, requerendo um *'one continuous open doors'*.

Porquanto, cientistas de diversas áreas da Ciência já tratam questões sobre a transformação da imensa Floresta Amazônica como um outro “Vale do Silício”, que justifique a forma mais adequada de se utilizar os Recursos Naturais nela depositados, sem contudo devastá-la ou destruí-la.

De um lado, para os economistas do Clube de Economia do Amazonas (CEA), haverá de se entender e conhecer os diversos perfis econômicos dos Municípios que compõem as nove sub-regiões amazonenses, que em contrapartida estão alocados dentro das quatro Mesoregiões, as quais se distinguem por regimes de seus grandes rios e regimes de chuvas.

Por outro lado, suscita-se então, a questão da produção de alimentos para uma população que tende à grande urbanização. Todos sabem que não se produz o que se consome no Amazonas, ou ainda carece de insuficiência em qualidade e quantidade de alimentos para o autoconsumo, principalmente da capital Metrópole Manaus.

No entanto, como produzir mais e de forma ambientalmente sustentável para abastecer uma população que se concentra nas áreas urbanas? Quem vai produzir esses alimentos?

Sabe-se que esse será um grande desafio para o futuro.

Contudo, o que se tem denotado por pesquisas de campo, identificou-se que são os pequenos agricultores familiares que trabalham com grandes obstáculos para produzir alguns alimentos, em lotes de terra de tamanho reduzido e manejam quantidades restritas de recursos produtivos (água, sementes, defensivos, não tem acesso crédito, a fomento, utilizam pequenas pastagens, se deparam com precárias condições de escoamento da produção, dificuldades de acesso a mercados, dentre tantos outros), tudo isso com o emprego do trabalho familiar.

Contudo, pergunta-se: é importante esse segmento à economia estadual? E, por que não fortalecê-lo?

São necessários ao ‘cinturão verde’ da Metrópole e das sedes municipais?

Nas mais diversas abordagens de DER se deparou com essas questões e, antes de se tratar de “matriz econômica”, se faça uma reflexão, ou mesmo estudos de impacto econômico dessa importância setorial para a economia estadual do Amazonas. Se precisa pensar em Desenvolvimento Econômico Regional com os pés no chão e com ideias calcadas nos conhecimentos científicos tecnológicos e inovativos.

Os economistas desenvolvimentistas sustentam que o governo estadual, antes de outras decisões, deva dar destaque em políticas públicas para esse segmento da agricultura familiar como sendo uma estratégia ao desenvolvimento econômico estadual, como uma “*sustainable intensification*” que seja capaz de manter e de aumentar a produtividade do trabalho setorial de tal forma a produzir excedentes alimentares aos mercados de Manaus, principalmente.

Aqui no Amazonas é essa nossa realidade, não é se trata de falácia, mas se começa com os pés no chão os processos de DER em regiões de diversidades, desigualdades e em estagnação econômica, como se encontram os diversos municípios amazonenses.

Esses especialistas do CEA, não encaram a agricultura familiar de forma residual ou sem importância do ponto de vista da produção alimentar econômica, pelo contrário, é de suma importância para nossos mercados regionais, de tal monta a diminuir dependências externas, economizando recursos que aumentam o meio circulante regional local.

Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura estima que “a agricultura familiar é

de longe a forma mais prevalente de agricultura no mundo, identificando que ela ocupe cerca de 70-80% das terras agrícolas e produzem mais de 80% dos alimentos do mundo em termos de valor”.

Sem embargo de outras abordagens, a produção da agricultura familiar é de importância multidimensional para enfrentar alguns dos desafios mais urgentes da economia estadual, a dependência econômica externa.

Por sua vez, se reconhece o papel e o potencial da agricultura familiar no processo de desenvolvimento econômico regional, no qual se deva deixar a ultrapassada visão que trata os pequenos produtores como sinônimo de pobreza ou de atraso, mas fortalecidos por políticas públicas específicas, denotando que haja implicações de natureza conceitual e teórica para o DER, e acima de tudo, identificar que esse segmento setorial passe a ter um papel ativo e estratégico nos processos de desenvolvimento econômico no Amazonas.

() Economista, Engenheiro e Administrador de empresas, com pós-graduação: MBA in Management (FGV), Engenharia Econômica (UFRJ), Planejamento Estratégico (FGV), Consultoria Industrial (UNICAMP), Mestre em Economia (FGV), Doutor em Economia, Consultor Empresarial e Professor Universitário: nilsonpimentel@uol.com.br*